

## AS HERESIAS MEDIEVAIS E SUA INFLUÊNCIA SOCIAL: SOB A REPRESSÃO DA IGREJA CRISTÃ DO OCIDENTE - SÉCULOS XII-XIII

*THE MEDIEVAL HERESIES AND THEIR SOCIAL INFLUENCE: ABOUT THE REPRESSION OF  
THE WESTERN CHRISTIAN CHURCH – 12TH TO 13TH CENTURIES*

**Tatiane Leal Barbosa,<sup>47</sup> Maria Valdiza Rogério da Silva**

<sup>47</sup> Licenciada em História pela Fundação Educacional Duque de Caxias, com orientação da Profa. Dra. Maria Valdiza Rogério da Silva.

Correspondência para: Tatiane Leal Barbosa (tatianeleal1993@gmail.com)

Recebido em: março de 2019; Aceito em: julho de 2019

### RESUMO

O presente artigo visa a identificar de que forma as principais heresias, Catarismo e Valdismo, exerceram influência na sociedade medieval, instituindo uma relação com a Igreja Cristã Ocidental. Nesta perspectiva pretendeu-se demonstrar que as heresias exerceram influência, trazendo uma nova forma de pensar, diferente da ideologia imposta pela Igreja Cristã Ocidental, em termos espiritual, político, social e, também, econômico; em contrapartida as heresias serviram para que a Igreja pudesse reavaliar seus dogmas, o seu “lugar” enquanto instituição religiosa, através da Reforma em suas estruturas. Assim as heresias irão dialogar com a Igreja, sendo esta última o elemento fundamental para a compreensão das manifestações heréticas, da influência que estas exerceram no meio social do medieval. Deixa-se evidente aqui que a pretensão desse artigo não será analisar toda a estrutura relacionada as heresias e nem os acontecimentos do século XII e XIII relacionados a mesma em sua totalidade.

**Palavras- chave:** Heresias Medievais; Catarismo; Valdismo; Igreja.

### ABSTRACT

This article aims to identify how the main heresies (Catharism and Valdismo) exerted influence in medieval society by establishing a relationship with the Western Christian Church. In this perspective it was intended to demonstrate that the heresies exerted influence, bringing a new way of thinking, different from the ideology imposed by the Western Christian Church, in terms both spiritual and political, social and economic; in contrast heresies served so that the Church could re-evaluate their dogmas, their

"place" as a religious institution, through the Reformation in their structures. Thus heresies will dialogue with the Church, the latter being the key element for understanding the heretics manifestations, the influence that they exercised in the social environment of the Middle Ages. Let's be clear here that the intention of this article is not to analyze all the heresies related structure or the century XII and XIII events related to it in its entirety.

**Key-words:** Medieval Heresies; Catharism; Valdismo; Church.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo visa a identificar de que forma as heresias, Catarismo e Valdismo, exerceram influência na sociedade medieval, instituindo uma relação com a Igreja Cristã Ocidental.

Este estudo tem como referência temporal os séculos XII e XIII, deixando evidente que estes séculos não serão analisados em sua totalidade, sendo utilizados como marco temporal para os acontecimentos aqui abordados, pois foram no seu decurso que se desenvolveram os movimentos heréticos, período compreendido como Idade Média Central. Nosso recorte espacial é a região que compreende o Sul da França e Norte da Itália, abrangendo Milão e Florença.

Nesta perspectiva pretendemos demonstrar que as heresias exerceram influência, trazendo uma nova forma de pensar, diferente da ideologia imposta pela Igreja Cristã Ocidental, em termos espiritual, político, social e, também, econômico; em contrapartida as heresias serviram para que a Igreja pudesse reavaliar seus dogmas, o seu "lugar" enquanto instituição religiosa, através da Reforma em suas estruturas.

Assim as heresias irão dialogar com a Igreja, sendo esta última o elemento fundamental para a compreensão das manifestações heréticas e da influência que estas exerceram no meio social do medieval.

Nosso trabalho estará pautado no campo temático da História das Crenças ou das Mentalidades<sup>46</sup> esta, por conseguinte sofrendo influência da Nova História<sup>47</sup>. Neste sentido as heresias se enquadram no âmbito das crenças, pois vemos aqui como a nova forma de religiosidade, estando vinculadas as mentalidades no que concerne aos modos de sentir que motivaram a determinado grupo social a formularem novas concepções de ver o meio em que estão inseridos.

Vinculados também a uma História Social, que é uma categoria que por ocasião do surgimento dos *Annales* foi construída ao lado da História Econômica, por oposição à História Política tradicional. Considerada como o ramo da História que examina a dimensão social de uma sociedade. Dos objetos mais evidentes que se destacam da História Social são: os modos e os mecanismos de organização social, as classes sociais e outros tipos de agrupamentos, as relações sociais e os processos de transformação da sociedade.<sup>48</sup>

Assim, notamos que essa categoria abarca em si diferentes aspectos da sociedade, e nessa pesquisa contextualizaremos determinados âmbitos do medieval como econômico, político e eclesiástico para compreendermos acerca das heresias.

Nessa perspectiva, a História Social se ajusta na nossa pesquisa no sentido de perceber como estas variações conjunturais afetaram diferentemente os vários grupos sociais, que alterações elas provocaram nas relações entre esses grupos.<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 325-326.

<sup>47</sup> Em francês (Nouvelle histoire) é corrente historiográfica surgida nos anos 1970 e corresponde à terceira geração da chamada Escola dos Annales. cf. BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989**. São Paulo: UNESP, 199. p. 132.

<sup>48</sup> BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 109- 111.

<sup>49</sup> Ibid. p. 113.

Reportaremos às noções de Heresia, à concepção de marginal ligada a ela, ao de representação e a de Poder relacionado aqui às formas de influência das heresias e as repressões, das quais a Igreja se utilizou para se opor as manifestações heréticas. E para isso recorreremos as colocações de alguns autores como José D’Assunção Barros, Bronislaw Geremek, Roger Chartier e Michel Foucault, além da utilização do Dicionário de Política de Noberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino.

Observando-se os hereges como agentes históricos, mas numa concepção “marginal” no contexto histórico do medieval, estaremos assim nos baseando na definição de Bronislaw Geremek que considera marginal o produto da negação, individual ou de grupo, da ordem dominante, das normas de convivência aceitas, das regras e leis vigentes.<sup>50</sup>

Conforme o que Geremek apresenta, vemos os grupos hereges nesta percepção, como aqueles contrários às normas estabelecidas, opostos as leis ditadas na sociedade medieval, estas formuladas pela Igreja. Ainda no conceito de marginal Geremek nos aponta que ocorre também a marginalização de grupos que se mantinham fora da sociedade por motivos sócio- culturais os heréticos, os infiéis e pagãos que, não obstante, estavam conscientes de sua condição.<sup>51</sup> Deste modo reforça a ideia dos movimentos heréticos como marginalizados.

Em relação ao conceito de representação, o autor Barros aborda que “as representações podem incluir os modos de pensar e de sentir, inclusive coletivos”.<sup>52</sup> Portanto, atenta-se para o fato das heresias serem representações no sentido de práticas que abrigam opção diferenciada de conceber o mundo, como colocado anteriormente, e dessa forma nos reportando em que:

---

<sup>50</sup> GEREMEK, Bronislaw, “O marginal”. In: LE GOFF, Jacques (org.). **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1989. p. 233.

<sup>51</sup> GEREMEK, Bronislaw. op. cit., p. 247.

<sup>52</sup> BARROS. op. cit., p. 82.

As representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas se colocam no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais.<sup>53</sup>

Como citado, vimos que as heresias enquanto representação produziram estratégias e práticas, mecanismos para se legitimar no meio social, e ao mesmo tempo mantiveram relações com a Igreja Cristã. Uma representação tentando estabelecer suas concepções, suas visões de mundo, formas de pensar, e neste enfoque se observa o jogo de poder, aqui conferido pela Igreja no sentido de reprimir as manifestações heréticas, mas também atentando para o fato de que as heresias também exerceram um certo nível de poder, aqui entendido no sentido de atrair a sociedade com seus discursos contra a Igreja. Partindo do significado abrangente:

Poder vem do latim *potere*: o direito de deliberar, agir e mandar; a faculdade de exercer a autoridade, a soberania, ou o império de dada circunstância ou a posse do domínio, da influência ou da força. Ou definindo poder como a capacidade ou possibilidade de agir ou de produzir efeitos e pode ser referida a indivíduos ou a grupos.<sup>54</sup>

Notamos que a palavra poder significa influência ou força. No caso das heresias observamos no sentido de terem produzido influência, e no da Igreja para com os

---

<sup>53</sup> CHARTIER, R. apud CARVALHO, F. **O Conceito de Representações Coletivas segundo Roger Chartier**. Paraná: Diálogos, 2005. p. 149.

<sup>54</sup> BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999. p. 933.

hereses atentamos para a acepção de força. Valendo-nos na concepção de Foucault notasse que:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. (...). O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão.<sup>55</sup>

O poder, desse modo, compreendido como algo que percorre a sociedade, os sujeitos e esses desempenham o poder, mas também padecem pelo mesmo. No caso das heresias e nas relações que essa estabelece com a Igreja, a que exerce um poder mais sólido, capaz de reprimir, portanto entendido como Foucault coloca como relação de força.<sup>56</sup>

## CONCEITO DE HERESIA

Para compreendermos acerca da influência dos movimentos heréticos do período do medievo, se faz necessário abordarmos o conceito da palavra heresia, pois cabe lembrarmos que estas se diferiam das heresias antigas. Segundo Falbel, as primeiras heresias possuíam um caráter filosófico e teológico que fazia especulação racional em torno dos princípios ou dogmas cristãos. Já as heresias que emergiram no século XII eram marcadas por um viés popular, pautando-se em um novo olhar acerca da Igreja, da religião cristã em si.<sup>57</sup>

Observamos que o conceito de heresia está intimamente ligado com a instituição eclesíastica, pois é esta que irá caracterizar o que se entende por heresia. Na verdade, a

---

<sup>55</sup> FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2004. p. 193.

<sup>56</sup> Ibid., p. 75.

<sup>57</sup> FALBEL, Nachman. **Heresias medievais**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.13.

mesma passa a existir a partir do momento em que a Igreja Cristã a caracteriza como um pensamento discordante dos princípios ditados por ela.

O autor José D'Assunção Barros destaca que, determinados autores cristãos formularam compêndios que tratavam acerca das heresias, segundo suas visões como Santo Agostinho, Santo Isidoro, Inácio de Antioquia, Irineu de Lyon. Santo Agostinho compõe no século V um texto com o título *De heresibus*, contendo uma lista de 88 heresias; já Santo Isidoro no século VII relaciona 70 heresias nas *Etimologias*, e coloca que o herético é não apenas aquele que se encontra no erro, mas que nele se obstina. Para Inácio de Antioquia e Irineu de Lyon, heresia referia-se aos falsos profetas, falsos mestres que introduziram no seio da comunidade doutrinas danosas, dúbias ou que não compaginam com a doutrina dos apóstolos.<sup>58</sup>

Desta forma, observa-se que as autoridades eclesiásticas foram estabelecendo o conceito de heresia de acordo com suas concepções, ou melhor, conforme a concepção da Igreja Cristã do Ocidente. Reforçando isso vemos através de Duby que “todo herético se torna tal por decisão das autoridades ortodoxas. Ele é antes de tudo, e com frequência assim permanece sempre, um herético aos olhos dos outros”.<sup>59</sup>

Assim, o conceito da palavra heresia parte dos pressupostos da Igreja de que a está pertence os ensinamentos verdadeiros derivados de Cristo, e que aqueles que negassem esses ensinamentos e dogmas, tentando formular ideias opostas seriam considerados hereges. Ou seja, a *Ecclesia* impõe esse rótulo.

O autor Roque Frangiotti mostra que “heresia” uma palavra que no grego original (háiresis) poderia significar a acentuação de um aspecto particular da verdade, passa-se no cristianismo primitivo a um sentido em que heresia se apresentava como negação da

---

<sup>58</sup> BARROS, José D' Assunção. **Papas, Imperadores e Hereges na Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 56-58

<sup>59</sup> DUBY, Georges. **Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**. São Paulo: Cia das Letras, 2011. p. 209.

verdade original e aceita, ou como pregação de um evangelho diferente daquele que era divulgado pelas verdades apostólicas.<sup>60</sup>

Conforme Duby nos aponta a sentença de condenação pronunciada pelos “clérigos” que isola um corpo de crenças e lhe dá o nome. Dando-lhe um nome, ela o assimila, aliás, com frequência de forma errada, por desconhecimento ou por desprezo, a conjuntos dogmáticos já conhecidos, inventariados.<sup>61</sup>

Segundo Barros, a noção de “heresia” tendeu a se referir em meados do século XII principalmente a um desvio ou rompimento em relação à Igreja enquanto instituição concretamente estabelecida, ao seu projeto universal, à sua legitimidade como único guia da religiosidade na Cristandade Ocidental.<sup>62</sup>

De acordo com Baschet:

A própria noção de heresia só adquire sentido na medida em que a Igreja se transforma em uma instituição preocupada em fixar a doutrina que fundamenta sua organização e seu domínio sobre a sociedade. O problema da heresia emergiu, então, apenas na medida em que a Igreja se transformou em uma instituição preocupada em definir os dogmas que baseavam sua organização e seu domínio sobre a sociedade.<sup>63</sup>

Vimos que o conceito de heresia ao longo do tempo vai se modificando, adquirindo outros aspectos, porém não perde o vínculo total com os significados anteriores, pois vimos que as heresias emergiram do próprio meio cristão como Barros nos mostra que “heresias na sua origem eram divergências que se estabeleceram no

---

<sup>60</sup> FRANGIOTTI, Roque. **História das heresias - século I a VII**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 6.

<sup>61</sup> DUBY, G. op. cit., p. 210.

<sup>62</sup> BARROS, J. op. cit., p. 58.

<sup>63</sup> BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Editora Globo, 2000. p. 222.

próprio seio do cristianismo por oposição a um pensamento eclesiástico que tivera sucesso em se fazer considerar ortodoxo”.<sup>64</sup>

## CONTEXTO DE EMERGÊNCIA DAS HERESIAS

Se faz necessário abordar a conjuntura social do período em que emergiram as heresias, não somente através do âmbito religioso, mas também econômico, político e cultural, ou seja, abarcando outros aspectos sociais, mesmo que de forma sintetizada para se compreender o contexto que motivaram os movimentos heréticos.

A Idade Média Central foi um período em que a Europa foi marcada por uma série de transformações, que estavam vinculadas entre si e que foram importantes para a modificação da mentalidade da sociedade medieval. Ocorreram mudanças no que se refere aos aspectos econômicos, demográficos, políticos, intelectuais e eclesiásticos, ou seja, num todo social.

Desta forma, como observa o autor Franco Júnior no que condiz aos aspectos econômicos, ocorreu a passagem da agricultura dominial para a senhorial,<sup>65</sup> ou seja, a agricultura que era fundamentada em grandes domínios foi sendo dividida em áreas mais delimitadas, das quais um senhor exercia controle, e nas quais a força de trabalho predominante era a servil.

Nesta mudança do modelo de agricultura, vemos o crescimento da produção devido a uma maior quantidade de mão de obra trabalhando sobre áreas mais extensas, tais como desbravamento de florestas e terrenos baldios. Mas graças também a difusão

---

<sup>64</sup> BARROS, J. op. cit., p. 55.

<sup>65</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Idade Média Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001. p.39.

de diferentes técnicas: sistema trienal, charrua, força motriz animal, adubo mineral, moinho de água, moinho de vento.<sup>66</sup>

Percebemos que, áreas anteriormente não cultiváveis foram sendo exploradas por causa da necessidade de mais terras para a expansão da agricultura, além do aperfeiçoamento de determinados instrumentos agrários, o aprimoramento de técnicas voltadas para o progresso dos solos. Alternativas essas que facilitaram o crescimento agrícola, que era uma das principais bases para a subsistência da população.

Outra transformação no século XI – XIII foi o revigoramento do comércio, que foi possível devido a existência de uma produção superior das atividades agrícolas. E as primeiras cidades a se apropriarem do comércio a longa distância foram Veneza e Gênova, pois havia dificuldades na produção agrícola nessas regiões, pelo fato de serem montanhosas e próximas ao mar. Esses foram fatores que impulsionaram essas cidades a desenvolverem alternativas de um comércio marítimo. Havia também o fato de determinadas regiões produzirem os mesmos bens de necessidades básicas, a maioria destes destinados ao consumo interno, o que desvalorizava a procura, e vimos que esse ponto impulsionou a busca de produtos diferenciados em outras regiões.

Esses foram fatores que deram estímulo ao comércio e que estão ligados a elementos referentes a agricultura. Deste modo, não podemos incidir que uma atividade estava totalmente desvinculada à outra, vimos que a agricultura deu base para o desenvolvimento comercial, e ambos foram importantes para o crescimento da Europa naquele período. Segundo Pirenne “o comércio não se concebe sem a agricultura, pois sendo por si só estéril, deve encontrar, por meio desta, o alimento das pessoas que ocupa e enriquece”.<sup>67</sup> É notório que com o passar do tempo a atividade comercial se sobrepôs a agricultura.

---

<sup>66</sup> Ibid.

<sup>67</sup> PIRENNE, Henri. **História econômica e social da Idade Média**. São Paulo: Mestre Jou, 1982. p. 32.

Acerca do crescimento demográfico, há referências que atestam o aumento populacional, tais como as migrações em seus diferentes tipos, que levaram populações a se dirigirem para novas regiões. Outro indicador foram os arroteamentos, os cultivos de locais como florestas, terrenos baldios, zonas pantanosas, com isso esses lugares foram ocupados por pessoas que trabalhariam para tornar os solos produtivos.

Há fatores que favoreceram esse desenvolvimento demográfico, os quais foram a ausência de certas doenças como a peste e a malária que eram comuns na época. Outro fator era o modelo de guerra, o qual não causava efeitos tão devastadores, mas sim reduzidos,<sup>68</sup> o que tornava mais fácil resguardar a vida dos indivíduos.

Outros aspectos contribuíram para o crescimento demográfico, estes relacionados a abundância de recursos naturais, advindos da produção de terras cultiváveis, e a suavização climática. Referente ao primeiro aspecto, as pessoas puderam se apropriar de melhores alimentos que se tornaram mais variados graças aos empreendimentos na agricultura. No tocante ao segundo, o clima mais seco e temperado favoreceu o cultivo e a habitação de áreas anteriormente improdutivas e inabitáveis, e dificultou a propagação de epidemias.<sup>69</sup>

Diante dessas modificações mencionadas, atrelada a elas, principalmente ao desenvolvimento do comércio, observamos o apogeu das cidades medievais, que faz parte dessa conjuntura. Com relação a isso Lopez nos coloca que “a urbanização e a comercialização medievais foram fenômenos que se apoiaram reciprocamente”.<sup>70</sup>

Segundo Le Goff “a atividade comercial das cidades manifestava-se a princípio nas feiras e nos mercados”,<sup>71</sup> esses pontos eram onde os comerciantes se reuniam;

---

<sup>68</sup> FRANCO JÚNIOR, H. op. cit., p. 20- 23.

<sup>69</sup> Ibid., p. 26- 27.

<sup>70</sup> LOPEZ, Robert S. **A Revolução Comercial da Idade Média 950-1350**. Lisboa: Editorial Presença, 1976. p. 98.

<sup>71</sup> LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 69.

desta forma através das atividades comerciais as cidades começaram a se expandir para abrigar essa manifestação.

O número de cidades e o de sua população conhecem entre os anos de 1150 e 1300, aproximadamente um crescimento espetacular.<sup>72</sup> Esse crescimento esteve associado ao âmbito econômico, proporcionado pelas atividades comerciais, porém é necessário lembrar que nas viagens comerciais os mercadores não traziam consigo somente produtos como artigos alimentícios ou objetos de luxo, traziam também influências culturais e religiosas do Oriente.

Quanto ao desenvolvimento das cidades, observamos em seu interior uma renovação intelectual, acerca disso vimos que nos séculos XII e XIII, os meios escolares e universitários são notavelmente abertos às novidades do mundo urbano, em interação fecunda e com ele, são incitados pelas suas inovações a propor suas próprias novidades no campo do pensamento.<sup>73</sup>

Desta forma podemos notar a evolução intelectual, podemos dizer um renascimento cultural, que modificou determinados costumes nesse período. Pautado a isso, consideramos os acontecimentos ocorridos.

Em meados do século XII é fundado para os filhos da burguesia as escolas laicas, o ensino da leitura e da escrita passa a contemplar outras camadas como mercadores e profissionais de grupos médios, não se restringindo apenas aos membros do clero. Outra inovação é apresentada pelos mestres e clérigos, que ministram um ensino fora do contexto monástico e episcopal. Começam a surgirem as Universidades, onde se promovem as línguas vulgares, e reaparece os estudos de direito romano.<sup>74</sup>

Concernente ao campo político, vimos que nos séculos X-XIII ocorreu uma profunda fragmentação política substantivada nos feudos, porém limitada pelos laços

---

<sup>72</sup> LE GOFF. op. cit., p. 3.

<sup>73</sup> BASCHET, J. op cit., p. 151-154.

<sup>74</sup> LE GOFF. op cit., p. 197-205.

de vassalagem, que permitiram às monarquias recuperar aos poucos seus direitos.<sup>75</sup> Atenta-se ao fato dos territórios se encontrarem divididos. Dessa forma, o poder se encontrava descentralizado, no entanto, através das relações feudo-vassálicas os monarcas conseguiram recobrar autonomia perante os feudos. Nota-se que, os laços de vassalagem foram meios administrativos de controle sobre as terras, o que evidenciou um caráter político, no qual havia juramentos, prestações de serviço, ajuda financeira e concessões territoriais.

Em conformidade com o que Franco Júnior nos aponta acerca do modelo político, Baschet nos evidencia que a lógica feudal consistiu em uma disseminação da autoridade até os níveis mais locais da organização social, e que a generalização do quadro senhorial se ampliou ainda mais no fim do século XII e no século XIII, enquanto já se esboçava uma retomada da autoridade real.<sup>76</sup>

No âmbito eclesiástico os pontos relevantes dentre os séculos XII e XIII são o crescimento da riqueza material da Igreja, o fortalecimento papal e o surgimento de novas ordens monásticas e mendicantes.

Observamos desde os períodos anteriores aos séculos XII e XIII, que a Igreja Cristã vinha obtendo terreno na sociedade medieval. Na verdade, sabemos que a Igreja se consolidou como uma das instituições mais poderosas do medieval, estabelecendo relações com o Império e com povos germânicos; dessa forma adquirindo privilégios e autoridade, além disso, acumulando riquezas.

Em relação ao acúmulo de riquezas Baschet evidencia que, as doações piedosas que os príncipes e os senhores faziam aos mosteiros eram particularmente abundantes no decorrer dos séculos XI e XII.<sup>77</sup>

---

<sup>75</sup> FRANCO JUNIOR. op .cit., p. 53.

<sup>76</sup> BASCHET. J, op. cit., p. 127.

<sup>77</sup> Ibid. p. 171.

Dessa forma, Instituição Eclesiástica foi adquirindo posses, além de doações. Ela era a grande proprietária de terras, sem contar com os edifícios e catedrais que a mesma retinha em seu poder.

Em relação ao fortalecimento papal, Hilário Franco Júnior evidencia que com Inocêncio III (1198-1216) o papado atingia seu momento de maior força e prestígio, colocando-se acima de toda a sociedade.<sup>78</sup> Nesse período o poder papal adquiriu maior controle e em diversas áreas, seja em matéria de examinar e organizar assuntos religiosos ou seculares relacionados a vida da população e das instituições administrativas e até questões que eram geridas por outros eclesiásticos passaram a ser assumidas pelo poder papal. Enfim, numerosas decisões que antes eram responsabilidade dos bispos ou arcebispos passam para a alçada exclusiva do papa.<sup>79</sup>

No que condiz ao monasticismo, no fim do século XI e durante o século XII apareceram novas ordens monásticas que, cada qual à sua maneira se empenharam em reafirmar a dimensão eremita do ideal monástico, sem a negar.<sup>80</sup> Porém, o ideal monástico desse período se confrontava ao monasticismo anterior, ao qual dava primazia a uma vida apartada da sociedade e do desapego aos bens materiais. Relacionado a isso Bolton atenta ao fato que o monasticismo tinha assumido uma forma tão institucional para aqueles que viviam em comum em um regime temporal que deixara de poder afirmar, com um mínimo de rigor que tinha como modelo a pequena comunidade fraterna de Jerusalém.<sup>81</sup>

Nessa época também observamos a emergência das ordens mendicantes, constituídas por conventos estabelecidos nas cidades e que mantinham um modelo de vida baseado na pobreza, e subsistiam de arrecadações; essas ordens eram compostas

---

<sup>78</sup> FRANCO JUNIOR. op .cit., p. 76.

<sup>79</sup> BASCHET. J. op. cit., p. 194.

<sup>80</sup> BASCHET. J. op. cit., p. 189.

<sup>81</sup> BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média: século XII**. Lisboa: Edições 70, 1983. p. 25.

por frades que mantinham uma vida de pregação. Porém, as ordens mendicantes apresentavam objetivos diferenciados das ordens monásticas; os mendicantes não viviam afastados da população, estavam fixados nas cidades.

As principais ordens mendicantes que mais ganharam destaque foram os franciscanos e os dominicanos, estes últimos tiveram relevância no que se referem ao combate as heresias medievais, sendo designados pela Igreja a perseguir os heréticos.

## O CATARISMO

Pelo que a historiografia nos aponta, o catarismo foi uma das heresias mais influentes no século XII e XIII, pode-se dizer que foi a que mais causou preocupação à Igreja Cristã em diversos aspectos. Um deles foi o fato de abrigar em si conceitos totalmente inaceitáveis à doutrina da cristandade. Esse movimento herético se solidificou na sociedade, adquirindo numerosos seguidores.

A origem do nome Cátaros vem do grego que significa “puro” ou “perfeito” e havia servido para qualificar os novacianos<sup>82</sup> e os montanistas<sup>83</sup> no século IV. Por volta do ano 1220, o teólogo Allain de Lille conta que cátaro estava na origem de Ketzerei, o termo que designa “heresia” em alemão e que surge nesse momento.<sup>84</sup>

---

<sup>82</sup> Foi um movimento fundado por Novaciano (um padre romano) do terceiro século. Seus seguidores nomearam-se Katharoi ou puritanos; estes adotavam a política de que os pecados mortais poderiam ser absolvidos somente por Deus, não pelos bispos, e acreditavam que a idolatria era um pecado imperdoável. CHAPMAN, John. Novatian e Novatianism. **A Enciclopédia Católica**. New York: Robert Appleton Company. 1911, 11 v. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/1138a.html>>. Acesso em: 25 jun. 2016

<sup>83</sup> Foi um movimento profético surgido na Frígia por volta dos anos 155-160, liderado por Montano que defendia que o Espírito Santo e a profecia do Antigo Testamento foi cumprida não nos Apóstolos, mas nele mesmo e em suas seguidoras, Priscilla e Maximila, os legítimos sucessores dos profetas da época apostólica. Foi justamente sob a legitimidade profética que eles fundamentaram o movimento e o nomearam de Nova Profecia. ALAND, B. Montano. Montanismo. In: DI BERARDINO, A. (Org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 959-61.

<sup>84</sup> ZERNER, Monique. Heresia. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2006. p. 510.

Com relação ao local de surgimento dessa heresia, observamos que na primeira metade do século XI apareceram grupos isolados de heréticos na Alemanha Ocidental, Flandes, França e Norte da Itália e no século XII, reapareceram nos mesmos lugares,<sup>85</sup> porém seu maior ponto de concentração foi no Sul da França, principalmente na cidade de Albi, por isso os cátaros também eram conhecidos por “Albigenses”, em referência ao local em que se encontravam.

É importante ressaltar o fato de que a heresia cátara não estabeleceu sua base doutrinária somente nos séculos XII e XIII, mas sim em períodos anteriores, podemos assim dizer que o catarismo não era um movimento herético novo em suas bases, mas sim uma fusão de crenças antigas do gnosticismo como a seita dos paulicianos<sup>86</sup> e dos bogomilos,<sup>87</sup> carregando também elementos do maniqueísmo,<sup>88</sup> evidente que passando por modificações na Idade Média. Nesse ponto denota-se a solidez desse movimento, no sentido de que já possui fundamentação ideológica.

Essa heresia carregava em si traços dualistas referentes ao bem e ao mal, acreditavam que a bondade existe somente no mundo espiritual do deus bom e que o mundo material é mau e foi criado por um deus mau ou espírito chamado Satã.<sup>89</sup>

---

<sup>85</sup> FALBEL, Nachman. op. cit., p. 38.

<sup>86</sup> Seita herética dualista derivada originalmente do maniqueísmo. Constantino de Mananalis, chamando a si mesmo Silvano, fundou o que parece ser a primeira comunidade Paulician em Kibossa, perto de Colônia em Armênia no século VII. FORTESCUE, Adrian. Paulicians. **A Enciclopédia Católica**. New York: Robert Appleton Company, 1911, 11 v. Disponível em : <<http://www.newadvent.org/cathen/1138a.html>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

<sup>87</sup> Adeptos de uma seita herética que surgiu na Bulgária em meados do século X, e que no século seguinte se propagou pela Ásia Menor e Provença. Eram dualistas que acreditavam na existência de um deus bom, criador do espírito, e de um deus mau, criador do mundo material. LOYN, Henry. R. (Org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 54.

<sup>88</sup> Fundado por Mani no século III na Pérsia, religião dualista baseada em dois princípios conflitantes: a salvação reside na libertação do Bem, ou Luz, que está encarcerado na matéria ou Trevas. LOYN, Henry. R. op. cit. p. 246.

<sup>89</sup> LOYN LOYN, Henry. R. (Org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 36.

Com relação ao modo de organização, os cátaros se reuniam em igrejas, as mais conhecidas no Midi: de Albi, de Toulouse e de Carcassone.<sup>90</sup> Em cada igreja cátara havia uma hierarquia na qual havia os bispos, diáconos e auxiliares.

A respeito ainda de como o esse movimento se organizava, porém, no aspecto doutrinário, observa-se que havia divergências quanto a crença, pois tinha divisões entre aqueles que acreditavam que Satã, o criador do mundo fora um anjo de Deus caído em desgraça, e os que o julgavam ser ele uma divindade independente.<sup>91</sup> Além dessas discordâncias, existia divisões entre os fiéis, aqueles denominados “perfeitos” e “credentes”; os primeiros se consideravam escolhidos e seguiam todas as regras impostas pelo catarismo, recebendo o *Consolamentum* (batismo espiritual), seguindo uma vida de pobreza e zelando pela doutrina; já os credentes eram considerados ouvintes e não seguiam totalmente todos os preceitos do movimento, mas esperavam receber o *consolamentum* na hora da morte.<sup>92</sup>

## O VALDISMO

O Valdismo foi uma das heresias instituídas por Pedro Valdo ou Valdes, um comerciante abastado da cidade de Lyon na França. Valdes foi protagonista de uma conversão, em 1173, após ter ouvido a história de Santo Aleixo, que abordava uma vida de renúncia. A primeira inspiração pessoal de Valdes foi vender tudo o que tinha adquirido através da usura e passar a viver de esmolas.<sup>93</sup>

Pedro Valdo, além de aderir a uma vida de pobreza voluntária, começou a estudar a Bíblia Sagrada e a interpretar os evangelhos. Desta forma, passou a pregar as

---

<sup>90</sup> Ibid, p. 39.

<sup>91</sup> Ibid, p. 40.

<sup>92</sup> FONSECA, Maria Henriqueta. O Catarismo e a Cruzada contra os Albigenses. **Revista de História**. São Paulo, v. 8, n. 17-18, 1954, p.88-89.

<sup>93</sup> BOLTON, B. op.cit., p. 64.

Escrituras, estimulando através de sua pregação a população a rever determinados sacramentos impostos pela Igreja Cristã, criticando também o modo como viviam os membros do clero, estes que ostentavam uma vida luxuosa, vivendo através dos dízimos, adquirindo grandes posses.

Logo, Valdo começou a atrair um grande número de seguidores que buscavam um retorno a uma vida de simplicidade como na época dos apóstolos. Assim, declaravam que a Igreja Romana fora pura e incorrupta até a época de Constantino, quando o Papa Silvestre ganhou a primeira possessão temporal para o papado, começando, assim, o sistema de uma Igreja rica, poderosa e temporal, tendo Roma como sua capital.<sup>94</sup>

Assim como os catáros, o valdismo também teve a sua forma de organização. O autor Falbel nos evidencia que o inquisidor Saccon, segundo sua visão, dividiu os seguidores de Valdo da seguinte forma: os valdenses do Norte dos Alpes e os da Lombardia. Os primeiros, asseguravam que os juramentos eram proibidos pelo Evangelho, a pena capital não era permitida ao poder civil, a Igreja Romana não era a Igreja de Cristo; já os da Lombardia asseguravam que nenhum pecado mortal poderia consagrar o sacramento, e que a Igreja de Roma era a mulher marcada do *Apocalipse*.<sup>95</sup>

## RELAÇÃO DAS HERESIAS COM A IGREJA ROMANA E FORMAS DE REPRESSÃO

Observamos que a Igreja Cristã teve uma grande parcela de responsabilidade em relação a emergência das heresias, pois compreendemos que para que a heresia pudesse ser considerada uma heterodoxia, é porque antes já tivesse sido aceita como verdadeira, ou seja, que fizesse parte da Igreja Cristã. Considerando assim que as heresias aqui

---

<sup>94</sup> FALBEL, N. op.cit. p. 63.

<sup>95</sup> Ibid. p. 63-64.

abordadas foram, em parte, produto da Instituição Eclesiástica e que se formaram em seu interior.

Duby nos aponta que, talvez a heresia seja sempre potencialmente uma Igreja, mas é preciso, para que produza em seu seio as suas próprias heresias, que ela se torne uma Igreja verdadeira, isto é, que ela se ponha a excluir e a condenar.<sup>96</sup> Portanto, vimos que a heresia estabeleceu uma grande relação com a Igreja. Na verdade não podemos falar acerca das heresias do medievo sem discutirmos sua ligação com a Igreja.

Nota-se que essa relação foi conturbada, pois os movimentos heréticos questionavam diretamente o papel da Igreja como única alternativa religiosa ou até mesmo como instituição eclesiástica a ser reconhecida.<sup>97</sup> Dentre os motivos estava a situação social, da qual as heresias se apoiaram e granjearam adeptos de diferentes camadas da sociedade, da massa rural e urbana de trabalhadores, senhores de terra e burgueses.

É evidenciado esse descontentamento por parte dessas camadas; a atitude dos senhores feudais do Sul da França em relação a Igreja tornava-se cada vez mais inamistosa, ainda que, bem poucas vezes chegassem a ser hostis. Eram conflitos com bispos, ou então com mosteiros adjacentes, isentos de controle local em virtude de cartas pontificais.<sup>98</sup>

Desse modo, a Igreja começou a atrair maus olhares, devido a aspectos econômicos, políticos, sociais, pois a mesma impunha uma ideologia dominante e pressionava a população; com exorbitantes taxas a serem pagas, dízimos a serem entregues, e através desses elementos o clero sustentava seu luxo. Portanto, a riqueza

---

<sup>96</sup> DUBY, G. op. cit., p. 209.

<sup>97</sup> BARROS. op. cit., p. 83.

<sup>98</sup> FONSECA, op.cit. p. 97.

e o poder da Igreja eram frequentemente fonte de grandes males, e os hereges da época extraíam disso argumentos para suas principais acusações contra ela.<sup>99</sup>

Em face a esse contexto de insatisfação das camadas sociais as heresias começaram a ganhar terreno na sociedade medieval. Desse modo a medida que aumentava o número de heresias e a sua influência, procurava-se aperfeiçoar os instrumentos mobilizados para combatê-las.<sup>100</sup>

A pretensão desse subitem é somente comentar resumidamente acerca de alguns instrumentos de repressão dos quais a Igreja utilizou contra os movimentos heréticos. Primeiramente, a *Ecclesia* tentou se aproximar dos hereges através da pregação, tentando aproximá-los da ortodoxia cristã, porém esse método não apresentou bons resultados com todas as heresias, principalmente com o Catarismo que não aderiu aos moldes da Igreja, e no Valdismo havia uma divisão entre alguns que mantinham certa conexão com a Igreja Romana e outros que morreram sem aceitar os preceitos dessa Instituição.

Os instrumentos mais utilizados contra os heréticos foram primeiramente, como mencionado acima, a pregação, adiante o confisco de bens. Porém se observou que esses instrumentos não fizeram tanto efeito. Dessa forma, a Igreja tomou atitudes mais violentas, organizando cruzadas e, finalmente, tribunais da Inquisição. Os primeiros tribunais da Inquisição começaram a tomar forma na Itália, desde 1222, por iniciativa do imperador Frederico II.<sup>101</sup> Os tribunais inquisitoriais pautavam-se na tortura para conseguir a confissão dos heréticos.

Os concílios também foram ferramentas importantes no processo de repressão das heresias, pois através deles discutiram-se questões e tomaram-se decisões, na

---

<sup>99</sup> FALBEL, N. op.cit. p. 60.

<sup>100</sup> Ibid. p. 15.

<sup>101</sup> ZERNER. op.cit., p. 515.

verdade foi uma forma que a Igreja Cristã encontrou para se resguardar de determinados acontecimentos; o Concílio que foi fundamental ao combate à heresia foi o IV Concílio de Latrão de 1215.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as heresias medievais: Catarismo e Valdismo, observamos que estas exerceram influência nas diversas camadas da sociedade, tanto da massa até os senhores de terra, atraindo assim adeptos. Elas emergiram como resposta aos novos acontecimentos daquele período e as transformações econômicas, políticas, sociais entre outras, levantaram-se também para questionar o poder eclesiástico que impunha sua ideologia à sociedade.

Vimos que os movimentos heréticos estabeleceram relação com a Igreja Cristã não só no sentido de combate da *Ecclesia* contra heréticos, pois esses movimentos foram, em parte, produto da Instituição Eclesiástica e se formaram em seu interior.

Devemos considerar a importância desses dois movimentos, cátaros e valdenses, que repercutiram fortemente no medieval. Mas apesar de terem influenciado a sociedade, foram reprimidos através de diversos instrumentos elaborados pela Igreja, o principal foi o Tribunal inquisitorial.

Não podemos deixar de mencionar o fato de que, esses movimentos foram fenômenos fundamentais na Idade Média Central, e ocuparam um espaço na história das crenças e da religiosidade. As heresias, pode-se inferir, desempenhou um papel importante no embate com uma Instituição controladora da sociedade.

Observamos através da bibliografia analisada para a elaboração desse artigo que, as fontes acerca das heresias são abundantes e que a análise desses dois movimentos heréticos abordados nesse trabalho pode levar a um leque de questionamentos e na produção de um extenso trabalho.

Porém nesse artigo a pretensão foi apresentar um pouco da influência das heresias e sua relação com a Igreja Romana, apontando que a Instituição eclesiástica não aceitava outras formas de pensar, a não ser a sua própria.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALAND, B. Montano. Montanismo. In: DI BERARDINO, A. (Org.). Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BASCHET, Jérôme. A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América. São Paulo: Editora Globo, 2000.
- BARROS, José D' Assunção. Papas, Imperadores e Hereges na Idade Média. Petrópolis: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. O campo da história: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2013.
- \_\_\_\_\_. O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. Dicionário de Política. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- BOLTON, Brenda. A Reforma na Idade Média: século XII. Lisboa: Edições 70, 1983.
- CHAPMAN, John. Novatian e Novatianism. A Enciclopédia Católica. New York: Robert Appleton Company. 1911, 11 v. Disponível em:  
<<http://www.newadvent.org/cathen/1138a.html>>. Acesso em: 25 jun. 2016.
- CHARTIER, R. apud CARVALHO, F. O Conceito de Representações Coletivas segundo Roger Chartier. Paraná: Diálogos, 2005.
- DUBY, Georges. Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- FALBEL, Nachman. Heresias medievais. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FONSECA, Maria Henriqueta. O Catarismo e a Cruzada contra os Albigenses. Revista de História. São Paulo, v. 8, n. 17-18, p. 1954.

FORTESCUE, Adrian. Paulicians. A Enciclopédia Católica. New York: Robert Appleton Company. 1911, 11 v. Disponível

em:<<http://www.newadvent.org/cathen/1138a.html>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. São Paulo: Graal, 2004.

FRANCO JUNIOR, Hilário. A Idade Média Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FRANGIOTTI, Roque. História das heresias- século I a VII. São Paulo: Paulus, 1995.

GEREMEK, Bronislaw, O marginal. In: LE GOFF, Jacques (org.). O homem medieval. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LOPEZ, Robert S. A Revolução Comercial da Idade Média 950- 1350. Lisboa: Editorial Presença, 1976.

LE GOFF, Jacques. O apogeu da cidade medieval. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOYN, Henry. R. (Org.). Dicionário da Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

PIRENNE, Henri. História econômica e social da Idade Média. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

SHARPE, Jim. A História Vista de Baixo. In: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

ZERNER, Monique. Heresia. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. Dicionário temático do ocidente medieval. Bauru: Edusc, 2006.